



# CINE TEXTOS

Informação reunida e trabalhada para apoio à exibição em sala de cinema, em contexto de formação de públicos, orientada para alunos do ensino secundário e superior, no âmbito dos **FILMES FALADOS**, dos **XII Encontros de Viana – Cinema e Vídeo** (2012).

Autoria dos textos e orientação : Fabrice Schurmans.

Produção : AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual.

## INSIDE JOB – A VERDADE DA CRISE

Título original: Inside Job

Realização: Charles Ferguson

Género: Documentário

Classificação: M/12

Outros dados: EUA, 2010, Cores, 106 min.



AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | [ao-norte@nortenet.pt](mailto:ao-norte@nortenet.pt) | [www.ao-norte.com](http://www.ao-norte.com)

## Resumo

O filme, narrado por Matt Damon, tenta entender as razões e as consequências da crise de 2008. Começa com o exemplo da Islândia, apresentado como paradigma dos vícios de um sistema económico predador. O governo da Islândia começou a desregular o sistema económico em 2000, com terríveis consequências ambientais e sociais. O exemplo islandês prova como um país que constava entre os mais ricos do mundo entrou em bancarrota quando dirigentes políticos inverteram, sem necessidade, para a via do neoliberalismo.

A seguir, o filme regressa ao mês de Setembro de 2008, mês da falência da Lehman Brothers, banco de investimento norte-americano, e da AIG, a maior seguradora à escala mundial. Ferguson analisa a partir daqui as razões da queda da economia a nível global, uma crise que, de acordo com o realizador, não foi um acidente, mas a consequência de uma indústria que proliferou fora de qualquer controlo.

## Crítica

Apesar de se centrar no mesmo tema, o estilo deste documentário difere de outro que lhe é contemporâneo, *Capitalismo, uma história de amor* de Michael Moore (ver crítica em *Filmes Falados 3*). Com Ferguson, não temos a encenação de si próprio por parte do realizador nem a dramatização da ação, com a exceção de uma música *off* que realça o lado dramático de certas sequências. Sucodem-se as entrevistas a diversas testemunhas, atores principais ou secundários da crise, numa *mise en scène* mais sóbria, o que, por vezes, pode tornar o filme de Ferguson mais árduo para o espetador do que o de Moore.

Na sequência de abertura, Ferguson consegue apontar para o cerne da crise: os três bancos islandeses que, após a privatização, chegaram a pedir, no mercado internacional, empréstimos por um valor dez vezes superior ao peso da própria economia islandesa. Como diz o narrador, a Islândia fornece um bom exemplo da especulação neoliberal fora de controlo. Homens de negócios islandeses pediram empréstimos bilionários sem que os bancos se preocupassem com a sua capacidade de reembolsar os fundos investidos. Neste país, como noutros do hemisfério norte, milhões de cidadãos deixar-se-iam iludir por promessas de dinheiro fácil, nomeadamente através de produtos financeiros complexos. Porém, a sua complexidade dependia excessivamente do contexto, daí advindo a sua fragilidade. Até 2007, as agências de notação davam a nota máxima aos três bancos em questão. É um dos méritos do filme de Ferguson, como do de Moore aliás, apontar para o papel que estas agências têm desempenhado na promoção de um sistema viciado.

Quando os bancos faliram em 2008, o desemprego triplicou em pouco mais de seis meses, o que aponta para a estreita ligação entre este tipo de práticas financeiras e o estado atual das nossas economias. O Estado, enquanto entidade reguladora e controladora da atividade dos bancos, também falhou. Tal aconteceu, entre outros elementos, porque os advogados especializados que trabalham para o Estado são muitas vezes contratados por grandes empresas internacionais e bancos para contornar a regulamentação pública.

É óbvio o objetivo pedagógico de Ferguson, pois até a estrutura do filme relembra uma dissertação empenhada em convencer o espetador com argumentos fortes em cada etapa do seu raciocínio, com introdução (o caso islandês), corpo constituído por quatro partes (I. Como chegámos a este ponto. II. A bolha 2001-2007. III. A crise. IV. Responsabilidade) e uma espécie de conclusão, a quinta parte, intitulada «Onde estamos agora.»

Na primeira parte (11'36 – 29'47), o filme lembra que, após 1929, os sucessivos governos norte-americanos controlavam a atividade bancária (por exemplo, era proibido fazer especulação com as poupanças dos clientes). O problema começou nos anos 1980, com a eleição do republicano Ronald Reagan (1981), que marca historicamente o início do período

áureo do neoliberalismo. Os bancos de investimentos, inicialmente pequenas entidades controladas por parceiros, começaram então legalmente a aplicar investimentos de alto risco. É também a partir daqui que a presença de ministros oriundos de bancos de investimentos contribui, em grande parte, para a retração do Estado no seu papel regulador. Deixar os bancos sem entraves parecia então a melhor maneira de transformar qualquer cidadão norte-americano em milionário. Aconteceu, porém, o contrário, pois os bancos começaram a especular com as poupanças dos seus clientes. E, em muitos casos, a perdê-las. A história de Charles Keating, em 1985, é interessante porque introduz uma personagem incontornável nas sucessivas políticas económicas norte-americanas dos finais do século XX: Alan Greenspan. Este tinha então sido contratado por Keating para avaliar os produtos financeiros elaborados por este. Segundo o futuro presidente da Reserva Federal (Sistema de bancos centrais dos Estados-Unidos), não se duvidava da seriedade de um banqueiro enquanto este não entrasse em bancarrota. Keating acabou na prisão enquanto Greenspan continuou a sua carreira durante os mandatos Reagan, Bush Sénior, Clinton e Bush Jr.

A desregulação financeira encetada com o presidente republicano Reagan continuaria durante os dois mandatos do democrata Clinton, com duas figuras incontornáveis: Robert Rubin, Secretário do Tesouro (1995-1999), antigo CEO (Presidente e Diretor Executivo) da Goldman Sachs, e Lawrence Summers, Professor de Economia em Harvard, Secretário ao Tesouro a seguir a Rubin (1999-2001). Sob influência destes dois homens, companhias como a Citigroup, a maior empresa financeira do mundo, conseguiriam algo considerado ilegal: utilizar os depósitos dos clientes em investimentos arriscados. Estes homens desempenharam um papel central na modificação da lei que permitiria futuras fusões entre bancos privados. Depois da sua passagem pelo governo, o mesmo Rubin ganharia uma fortuna como vice-presidente de Citigroup.

O que sobressai deste período é o carácter criminoso da atividade financeira de muitos grupos internacionais. Veja-se a sequência composta por uma sucessão de casos de justiça que comprovam a ligação destas grandes empresas ao crime organizado, à lavagem de dinheiro, à evasão fiscal, etc. (19'25 – 21'23). O filme de Ferguson foca também o papel desempenhado por matemáticos, nomeadamente na conceção de produtos financeiros muito complexos que deviam trazer estabilidade ao sistema financeiro mas que o tornaram ainda mais instável. A partir de aqui, os bolsistas conseguiam apostar em quase tudo. Durante o último mandato de Clinton, alguns economistas tentaram regular o mercado dos produtos derivados. Foi em vão, pois Greenspan e Rubin conseguiriam derrotar a proposta.

Quando Bush chega ao poder em 2001, a concentração financeira já era forte. Um grupo de bancos dominava perigosamente o sistema: Goldman Sachs, Morgan Stanley, Lehman Brothers, Merrill Lynch, Bear Stearns. Aqui o filme de Ferguson explica bem, com recurso a gráficos animados (26'44 – 27'40), como um novo sistema se pôs então a funcionar: os clientes que, até aos anos 1990, reembolsavam os seus empréstimos a um banco, tiveram, a partir de então, sem o saber, de reembolsar os empréstimos a investidores internacionais que tinham comprado produtos derivados compostos por uma acumulação gigantesca de dívidas privadas.

A partir do início dos anos 2000, os bancos emprestariam cada vez mais dinheiro, já que os empréstimos eram transformados em produtos financeiros de sucesso (CDO - *Collateralized Debt Obligation*). E, como as agências de notação avaliavam os produtos como sendo sem risco, todos acharam ter criado o sistema perfeito. Mas o que fariam se os clientes comessem a não conseguir reembolsar os seus empréstimos?

Na segunda parte (29'47 – 54'45), Ferguson aponta para a emergência e o crescimento de uma bolha incontornável. Entre o início dos anos 2000 e 2006, a especulação associada aos novos produtos permitiu mais-valias milionárias para os investidores de Wall

Street. Embora os produtos em questão fossem muito perigosos, e apesar de os agentes financeiros o saberem, nenhum dos controladores estatais os travou. Quando o filme foi realizado, não tinha havido de facto qualquer investigação ao sistema piramidal em questão. Desde então, houve a Comissão de investigação sobre a crise financeira do Congresso Americano, que entregou um relatório em Janeiro de 2011, relatório que apontou justamente a irresponsabilidade dos mercados assim como a ausência de regulação como causas principais da crise. Não houve, no entanto, qualquer investigação criminal devido à pressão de Greenspan mas também de Henry Paulson (CEO de Goldman Sachs, que em 2004 impediu que se estabelecesse um teto máximo para o endividamento dos bancos). Trata-se do mesmo Paulson que em 2006 foi nomeado Secretário do Tesouro pelo Presidente George W. Bush, e que deixaria o seu banco comprar grandes quantidades de produtos financeiros tóxicos.

Em muitos momentos, o filme de Ferguson torna-se complexo, até difícil. Daí a introdução de sequências mais acessíveis, mas não menos instrutiva, como a que é dedicada à maneira como os agentes financeiros gastam as centenas de milhões de dólares dos seus lucros (40'49-42'59): barcos, carros de luxos, várias casas, apartamentos. Há também algo revelador quando Ferguson aponta para o consumo desenfreado de cocaína e de prostitutas de luxo entre os investidores de Wall Street.

Se este sistema especulativo funcionou durante tanto tempo foi igualmente por causa do papel das principais agências de notação (Moody's, Standard & Poors, Fitch), que davam notas positivas a produtos financeiros especulativos. Ferguson aponta com eficácia para a ganância de agências que tinham de facto interesse em dar o famoso «tripla A» aos produtos em questão, pois, como davam boa nota, tinham mais clientes. Um gráfico mostra quão colossais foram os seus ganhos em 2007, nas vésperas da crise (53'16).

Na terceira parte (54'46 – 01:14:15), mostra-se como Ben Bernanke, presidente da Reserva Federal em 2006, tinha sido avisado várias vezes dos riscos que corria o sistema económico norte-americano. Não fez nada para evitar o rebentar da crise, como o apontou aliás o relatório da comissão de que falava há pouco. Ao abordar o mesmo tema, o rebentar da crise e as suas consequências, Michael Moore conseguiu algo que está ausente em Ferguson: comover um certo público pela dramatização de casos concretos. Moore mostra os efeitos do colapso do mercado imobiliário e dos bancos na vida quotidiana de muitos americanos. Aqui reside, talvez, a principal fraqueza de *Inside Job*. Sem envolver as próprias vítimas na compreensão da crise, como esperar que estas participem na mudança do sistema económico hegemónico?

A quarta parte do filme, dedicada às responsabilidades (01:14:15 – 01:29:45), mostra que os agentes financeiros mais importantes saíram incólumes do desastre da economia. As grandes empresas financeiras continuariam a resistir à regulação pública das suas atividades e a ideologia na origem destas práticas continua a dominar o ensino da economia nas grandes universidades norte-americanas. Um dos pontos altos do filme reside justamente na denúncia do papel desempenhado pelas faculdades de economia de maior prestígio. Muitos dos professores entrevistados também trabalham regularmente para as empresas que estiveram na origem da crise, com evidentes conflitos de interesses.

Por fim, Ferguson, à semelhança de Moore, via na eleição de Obama um sinal de esperança. No entanto, Ferguson, ao contrário de Moore, teve tempo de perceber que a nova administração não iria mudar o sistema, não iria controlar as agências de notação nem a distribuição de dividendos. Mais grave ainda: os atores principais das quatro primeiras partes não foram afastados pela administração Obama (Lawrence Summers, Timothy Geithner...). Com Ferguson, o espetador entende assim as razões que levam os grandes bancos a apoiar a política posta em prática pelo Presidente Obama.

## **PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO DO FILME**

### **1. Reflexão Individual**

Preenchimento do guião de observação que segue em anexo.

### **2. Reflexão em pequeno grupo**

Divisão da turma em grupos, cabendo a cada grupo:

- Identificar as problemáticas que o autor do filme pretende abordar;
- Sinalizar situações que possam configurar desrespeito pela lei. Justificar a opção tomada;
- Identificar três momentos no filme que considere particularmente relevantes, justificando a opção tomada;
- Tomar uma posição crítica relativamente ao modelo económico e social tratado no filme.

### **3. Reflexão em grande grupo**

Apresentação das conclusões à turma para debate.

Registar uma ou mais mensagens positivas que integrem valores a promover.

*Para todas as opções terão que apresentar argumentação que sustente as suas posições*

## **ALGUMAS QUESTÕES QUE PODERÃO SER FOCADAS DURANTE O DEBATE**

- O modelo capitalismo
- Relações entre poder político e poder económico
- Supremacia dos interesses económicos face aos interesses/direitos humanos
- Crise económica/crise social: perda de direitos e regalias sociais, precaridade, desemprego; pobreza, tensões sociais...



# Guião de Visionamento

## **Ficha Técnica**

Nome do filme:

Realizador:

Género:

Data de realização:

Duração:

## **A preencher após o visionamento do filme**

**Situa a acção no tempo e no espaço.**

---

---

---

**Indica as personagens mais importantes.**

---

---

---

---

**Refere a temática abordada.**

---

---

---

**Elabora um pequeno resumo do filme (sinopse).**

---

---

---

---

---

---

---

---

